

Carta sobre Escrita - 3

Caras/os

Jovens Escritores Africanos

“Escritor não é aquele que escreve, mas o que reescreve”, disse alguém.

Qualquer pessoa escreve, desde que tenha aprendido. Mas isso não faz um escritor. Se fosse só isso, todos seríamos escritores, mas não é o caso. Digamos que aí começa o caminho que pode levar alguém a ser escritor. Um longo caminho, como se percebe logo a um primeiro olhar atento.

Para um adolescente aprendiz de escritor, os primeiros ensaios de escrita literária são uma conquista, um salto no caminho do sonho. Por isso é fácil que lhe pareçam luminosos, que tragam a marca da satisfação, se não mesmo do orgulho pelo que foi conseguido. Mas isso é, antes de mais, o valor do texto para o próprio autor. E também aí é preciso ter em atenção a velha sabedoria popular: “Ninguém é bom juiz em causa própria”.

Por vezes, o jovem aprendiz de escritor dá a ler os seus textos a amigos do peito. Estes, porque gostam do amigo, gostam dos textos. É importante repetir: porque gostam do amigo. Não porque os textos tenham valor em si mesmos. Por vezes, este que aprecia os textos nem sequer é bom juiz, por falta de formação em matéria de escrita. E o autor pode ver-se enganado sem que ninguém seja responsável por isso.

Um adolescente apaixonado que escreve um poema à pessoa amada dá o melhor de si para “a melhor pessoa do mundo”. E está certo assim. É altíssimo o valor do escrito para quem escreve e, espera-se, também para quem recebe o escrito. Mas o valor de um poema não está na paixão do autor, nem no amor retribuído pela pessoa a quem se destina. O valor de um poema, de qualquer poema, está na poesia que o texto encerra, isto é, no valor literário do texto em causa. É o seu valor literário que lhe dá valor como texto, que o pode tornar talvez uma obra universal, capaz de ter e gerar significado para qualquer pessoa de qualquer lugar e tempo do mundo.

Leio: «Amor é fogo que arde sem se ver; / É ferida que dói e não se sente; / É um contentamento descontente; / É dor que desatina sem doer...». E de imediato sei que Camões não fala, aqui, apenas da sua paixão: só quem nunca amou não sabe por experiência própria o que o autor diz de forma única. E é este “única” que torna este poema uma obra de arte superior.

Leio outro poema: “Abrantes, linda cidade / Como tu não há igual / És a terra mais bonita / Deste nosso Portugal”. Este é um poema: é uma quadra, com rima e traduz sentimentos de uma pessoa sobre a sua cidade, que por sinal é a minha. Só que este texto tem um problema: fala do autor, do seu sentimento, mas na verdade nada diz sobre a cidade. Abrantes pode ser, sem problema, substituído por Coimbra, Porto, Guarda, Guimarães ou outra qualquer... Pior ainda: esta quadra já foi dita e escrita a propósito de qualquer outra cidade, ou mesmo vila ou

aldeia, com as necessárias adaptações. Ou seja, é uma cópia de uma cópia de uma cópia... Não vale, nada acrescenta ao mundo literário.

Lembremos: “Escritor não é aquele que escreve, mas o que reescreve”. A primeira versão do texto é apenas isso, a primeira. Precisa de ser melhorada, para ser levada até onde o autor for capaz de a fazer chegar. Lá acima – acima do lugar ou do nível em que se encontra a primeira tentativa.

Miguel Torga escreveu: «Que pode uma pobre caneta, que por cada cem palavras que escreve risca noventa e nove (...)?» (“Coimbra, 26 de Setembro de 1957”, *Diário*). E mais tarde irá escrever: «Trabalho, trabalho, trabalho, mas faço como Penélope: desmancho à noite o que teço durante o dia, ou vice-versa. Mas ela era para ganhar tempo; eu é porque não fico contente com a obra. (...) Tudo me parece objectivamente morto passada a alucinação do momento criador.» (“Coimbra, 15 de Outubro de 1958”, *Diário*).

É isso: quando escrevo, soa-me a obra-prima; quando mais tarde a releio, perdeu o brilho que parecia, só parecia, ter. E o texto pode voltar – deve voltar – à oficina, se pretendo que ele valha mais que a ilusão do primeiro momento. Por isso, vale a pena deixar ficar o texto na gaveta e voltar a ele seis meses mais tarde, depois de perdido o brilho do primeiro momento. Oficina bate certo com trabalho. Um escritor é um trabalhador da escrita.

Numa carta anterior, referi a conversa com um colega que ia para a sua aula de desenho. Não registei, porém, o meu infeliz comentário: “Eu, para desenho, não tenho jeito”. Ao que ele me perguntou: “E para escrever?”. “Dou uns toques”, respondi. “E quantas horas já praticaste a escrita?”, insistiu ele.

É isso. Prática. Horas de prática. Trabalho de oficina. Praticar como quem procura fazer ainda melhor. É fácil eu dar-me conta de que em desenho ou pintura não me sai grande coisa. Mas na escrita, porque consigo escrever, corro o risco de me espantar com a primeira banalidade, só porque fui eu que a escrevi. Mas um texto não vale porque é meu, mas porque ele, o texto, tem valor.

Vale a pena repetir: “Escritor não é aquele que escreve, mas o que reescreve”.

Fevereiro de 2022

José Alves Jana